



Os deputados Carlos Alberto e Geraldo Magela têm recebido diversas sugestões de nomes para ocuparem os órgãos culturais, embora afirmem que a escolha será dos que apoiaram Cristovam

Grupos trabalham por seus candidatos

Torcidas se organizam em torno de vários nomes, mas a decisão virá das forças que apoiaram o novo governador

Sebastião Pedro

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Nomes, programas de ação e posturas político-partidárias são os temas que, neste momento, agitam os bastidores da área cultural em Brasília. Na hora das conversas formais, todos asseguram que "nomes não interessam. Importantes são os programas". Nas conversas informais, o que parece realmente interessante é saber quem vai comandar a Secretaria de Cultura e Esporte e a Fundação Cultural. Cada grupo de pressão se organiza e trabalha pelo nome de seu candidato.

Os deputados Geraldo Magela e Carlos Alberto Torres testemunham, a chegada de vários nomes a seus gabinetes. Todos são anotados. "Quem, porém, vai decidir" — avisa Magela — "são as forças que apoiaram o novo governador, Cristovam Buarque". Carlos Alberto pensa da mesma forma, mas não esconde os nomes de artistas e animadores culturais ligados historicamente ao PPS (Partido Popular Socialista). Vladimir Carvalho, Maria Duarte e Gisele Santoro são os mais evidentes.

Magela que também recebeu pedidos para apoiar a coreógrafa Gisele Santoro, prefere não declinar nenhum nome de seu agrado pessoal.

Garante que está preocupado com "idéias, programas e metas de trabalho", já que "a gestão de Cristovam Buarque deverá pautar-se pela busca da excelência". Nesta busca — detalha — "temos que passar, primeiro, por uma revolução de prioridades". Para ele, "a Cultura é área que demanda investimentos e atenção especial do governo da Frente Popular". Em tempo de cofres vazios, o parlamentares frisa que "a cidade dispõe de lei de incentivos fiscais à produção cultural, aprovada pela Câmara Legislativa, mas boicotada pelo governo Roriz". A Lei agora — diz, convicto — vai sair do papel.

Novo tempo — Outro tema que está agitando os bastidores da sucessão na área cultural diz respeito à posição político-partidária dos postulantes ao cargo. Romário Schettino, do Comitê de Cultura da Frente Popular, avisa que "o grupo rechaça o aproveitamento — no primeiro escalão do governo — de quadros que serviram à administração cultural do Governo Roriz.

Ele se nega a citar nomes. Mas para qualquer bom entendedor, a mensagem do Comitê é clara: os novos titulares da SCE e FCDF devem sair dos quadros do PT, PPS, PC do B ou PSB, partidos que realmente se engajaram na ramificação cultural da campanha.

Geraldo Magela, que precisa de votos da bancada rorizista, caso seja realmente candidato à presidência da Câmara Legislativa, vê o assunto de forma mais matizada: "O fato de um intelectual ou artista trabalhar no atual governo não o exclui de participação no governo da Frente Popular. Em muitos casos, eles prestam serviços técnicos e não político-partidários". Neste caso, também, Magela se nega a dar nomes.

José Carlos Coutinho, professor da UnB e membro do Conselho de Cultura, vai mais longe e dispõe-se a citar nomes. "Maria Duarte, Vladimir Carvalho e Luiz Humberto são excelentes



O Espaço Cultural 508 Sul é a "menina dos olhos" dos candidatos ao posto de secretário da Cultura no novo governo

quadros para a administração cultural. Da mesma forma que B. de Paiva (atual secretário-adjunto de César Baiocchi), e Tetê Catalão (diretor do Espaço Cultural 508 Sul)". Afinal, arre-mata, "eles sempre foram militantes das lutas de esquerda na cidade".

508 Sul — O Espaço Cultural 508 Sul, reformado com apoio da Fundação Mokiti Okada, aliás, é uma das meninas dos olhos dos candidatos à SCE. Se Vladimir Carvalho for o escolhido, ele pretende procurar o BRB e sensibilizar seu novo presidente para que atue como mecenas do Espaço.

Geraldinho Vieira, outro nome cotado para atuar na máquina cultural na gestão Buarque, vai mais longe. Propõe que a idéia de Vladimir, inspirada na vitoriosa experiência do Centro Cultural Banco do Brasil (Rio), seja ainda mais radical: Espaço Cultural 508 Sul passará a se chamar Centro Cultural BRB.

Esta proposta depende, ainda, de estudos. Geraldo Magela, que tem parte substantiva de seu eleitorado entre os bancários, propõe que seja discutida exhaustivamente. "É preciso verificar sua viabilidade ouvindo todas as partes interessadas".

De saída, há a compreensão de que o patrocinador da reforma — a Fundação Mokiti Okada — não aceitará o nome do BRB na fachada da obra. A questão encontra similar em experiência que hoje enche os olhos do setor cultural. O Banco Nacional vem apoiando a implantação de espaços cinematográficos em várias cidades. Em São Paulo, bancou a completa

reforma de conjunto de três salas, livraria e bar na Rua Augusta. Nasceu, então, o Espaço Banco Nacional de Cinema. Por cinco anos, o nome da instituição estará na fachada e impressos do empreendimento. Depois, os administradores recuperarão o direito de batizar o Espaço com o nome que melhor lhes convier. Poderá, por exemplo, chamá-lo Estação Augusta. No caso do Espaço Cultural 508, há que se analisar o acordo assinado entre GDF e Mokiti Okada e saber das exigências feitas por esta instituição.

Qualificação — Maria Duarte, por sua vez, quer investir no Centro de Formação de Recursos Humanos para a Cultura. Esta escola de aperfeiçoamento deverá reciclar ou qualificar quadros técnicos para atuar em museus, teatros, cinemas, galerias, Casas de Cultura etc. Enfim, para dar excelência aos quadros administrativos que hoje servem à ampla rede de próprios da SCE-FCDF.

O Pólo de Cinema e Vídeo, que no início do Governo Roriz causou sensação, está praticamente abandonado. Não dispõe de recursos, as obras em sua sede campestre foram paralisadas e o segundo Edital de Financiamento nem saiu do papel. Todos os postulantes ao cargo aceitam transformá-lo num abrangente. Centro de Tecnologia de Multimídias.

Há outra proposta que agrada a todos os candidatos: recuperar, concluir ou construir Casas de Cultura nas cidades-satélites. Afinal, todos sabem que a maior parte do eleitorado está nas regiões administrativas que cer-

cam o Plano Piloto. Outra meta consensual diz respeito à aproximação com a pasta da Educação. Com as escolas ocupadas por professores em grande parte simpáticos à Frente Popular (embora a candidata derrotada Eurides Brito continue dispondo de seguidores fiéis) os correligionários do novo governo acreditam que "agora sim", Cultura e Educação voltarão a dialogar.

Vale lembrar que em meados dos anos 70, quando Vladimir Murtinho era secretário de Educação e Cultura, e Maria Abadia (figura garantida no primeiro escalão de Cristovam) administradora regional de Ceilândia, este diálogo se deu de forma significativa.

Extinção — Só defendem a permanência das áreas de Educação e Cultura, em pastas separadas os que são loucos por máquinas inchadas e cargos. A separação, aliás, foi realizada para atender à voracidade fisiológica da Nova República.

Geraldo Magela admite que a reforma administrativa proposta pela Frente Popular deverá extinguir órgãos inúteis. "O novo secretário de Cultura poderá assumir por prazo de cinco ou seis meses, suficiente para a execução da reforma administrativa".

Romário Schettino, por sua vez, lembra que Cristovam Buarque já chamou atenção, em sucessivas ocasiões, para a necessidade de enxugamento da máquina administrativa. "Ele avisou que vai acabar com a duplicidade: (dois órgãos cuidando das mesmas funções). E este — admite Romário — é o caso da SCE e FCDF.